

Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975)**

O objectivo central deste artigo é discutir as relações entre a Acção Integralista Brasileira e os vários movimentos de direita portugueses, como os integralistas e os grupos católicos. A passagem de Plínio Salgado por Portugal entre 1939 e 1946 é particularmente abordada, assim como as relações dos integralistas com o regime salazarista, tanto nos anos 30 como no período posterior à Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Salazar; Plínio Salgado; Acção Integralista Brasileira; integralismo lusitano.

Plínio Salgado, Brazilian Integralism, and Relations with Portugal (1932-1975)

This article examines the relationship between the Brazilian Integralist Action and Portuguese right-wing movements in the 1930s. Plínio Salgado's presence in Portugal between 1939 and 1946 is addressed in detail, as well as the relationship between Brazilian integralists and the Salazar regime in the years from 1932 to 1975.

Keywords: Salazar; Plínio Salgado; Brazilian Integralist Action; Portuguese Integralism.

INTRODUÇÃO

Os vínculos internacionais da AIB (Acção Integralista Brasileira) sempre atraíram a atenção dos seus opositores desde os anos 30, especialmente porque permitiam a sua associação imediata ao fascismo italiano e ao nazismo. Ao indicar os vínculos de parentesco entre integralistas, fascistas e nazis, atribuíam-se, sem dificuldades, o adjectivo “fascista” ao integralismo, com todos os efeitos políticos que daí advinham.

* Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo, 5790 Maringá/Paraná, 87020-900 Brasil. e-mail: fabiobertonha@hotmail.com

** A pesquisa para o presente artigo decorre há muitos anos, mas para a sua formação final foi fundamental o seminário que apresentei no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa em Outubro de 2010, assim como as pesquisas nas bibliotecas e arquivos portugueses nesse período. Agradeço a António Costa Pinto pela oportunidade e ajuda durante a minha estadia, e ao CNPq pelo financiamento da minha viagem a Portugal, através dos recursos do Edital Universal/2007. Agradeço igualmente a Giselda Brito Silva, Francisco Carlos Palomanes Martinho, Carlos Henrique de Carvalho e a António Costa Pinto pela leitura de uma primeira versão deste artigo.

Recebido para avaliação a 20-11-2009. Aceite para publicação a 06-04-2010.

Foi só nos últimos anos que os investigadores começaram a interessar-se pelo tema, e que isso se converteu numa safra de trabalhos que permitiram não apenas comparações entre estes grupos, como a elucidação das intensas redes de relacionamentos e contactos que uniam, efectivamente, os três movimentos¹.

As conclusões, em essência, foram as de que o integralismo podia ser classificado, conceptualmente, como um tipo de fascismo, mas que ele estava mais próximo, em termos ideológicos, do fascismo italiano e muito menos do nazismo. Isso reflectiu-se directamente nos vínculos estabelecidos entre os partidos, com maiores contactos e afinidades com Roma do que com Berlim.

Efectivamente, o regime de Mussolini era visto com grande simpatia pelo integralismo. Nos jornais integralistas, o fascismo era sempre saudado (Barbosa, 2007), havia inúmeros filhos de imigrantes italianos nas suas fileiras, e os contactos eram contínuos, ao ponto de Roma enviar mesmo, por algum tempo, um subsídio financeiro aos integralistas. Com os alemães, apesar da forte presença de descendentes germânicos na AIB, o relacionamento sempre foi mais ambíguo e até tenso.

Contudo, a análise dos contactos com a Itália fascista e a Alemanha nazi, por mais importante que seja, não esgota a questão dos vínculos internacionais do movimento (Silva, 2009). Na documentação e nos jornais do integralismo há informações sobre um sem número de grupos e partidos fascistas actuantes na Europa e Américas, o que indica uma visão mundial da sua luta, e que contactos e vínculos outros devem ter sido estabelecidos.

Qualquer estudo sobre a relação do integralismo com o mundo, contudo, só se pode tornar completo se incluir a Península Ibérica. A Espanha, e especialmente Portugal, sempre foram referências culturais fundamentais para os intelectuais e políticos brasileiros e, especialmente nos anos 30, as figuras de Franco e Salazar eram de importância central na discussão política e social brasileira. Restringir o estudo dos vínculos internacionais integralistas à Itália e à Alemanha e esquecer a Península Ibérica seria, no mínimo, reducionista.

Este artigo visa colaborar nesta direcção, indicando algumas das relações estabelecidas entre o integralismo, os movimentos fascistas ou de direita de Portugal e o regime de Salazar. Inicia-se com algumas reflexões sobre as proximidades estruturais entre os vários países ibéricos e, especialmente, sobre como os sucessos e fracassos dos fascismos seguiram, nestes países, roteiros bastante próximos. Posto isso, o foco passará aos vínculos estabelecidos entre os integralistas com os seus interlocutores em Portugal e, em menor grau, na Espanha.

Num momento posterior, pretendo enfatizar a pessoa de Plínio Salgado e a sua estadia em Portugal em 1939-1946 como circunstância fundamental

¹ Para a informação a seguir, v. Bertonha (2001 e 2008), Trindade (1974 e 2004) e Gertz (1987), entre outros. Para uma visão geral da bibliografia disponível, v. Bertonha (2010).

para entender a sua visão do mundo e a sua transformação no pós-guerra, o que implica conhecer melhor a realidade portuguesa daqueles anos. Finalmente, pretendo trazer à luz a sua visão dos regimes de Franco e Salazar entre 1945 e 1975 (ano da sua morte), quando se percebe uma notável transição entre uma posição mais radical, fascista, para uma conservadora, mais tradicional. Tal transição pode indicar os próprios padrões de recomposição da direita na América do Sul e na Península Ibérica, no período pós-1945, e ser de utilidade, assim, para reflexões mais gerais sobre o campo da direita no século xx.

UM FASCISMO LATINO OU IBÉRICO?

Um termo que aparece regularmente nos estudos do fascismo é “fascismo latino”, um conceito que unificaria os movimentos e regimes fascistas dos países do Sul da Europa e da América Latina num único bloco. Catolicismo, o mito de Roma, maior influência do fascismo italiano e menor do nazismo, proximidade mais evidente dos movimentos conservadores e outros elementos comuns seriam a base deste conjunto (Costa Pinto, 1994, pp. 145-149).

Um dos problemas desta teoria é identificar claramente, antes de mais nada, quem é latino. Na Suíça de língua francesa e italiana, na Bélgica francófona e no Québec, houve fascismos fortes, mas o regime liberal manteve-se. Seriam estes países e regiões latinos ou semi-latinos, já que associados a outras realidades maiores? Depois, mesmo que esqueçamos estes casos limite e pensemos apenas nas nações claramente latinas, há diferenças imensas entre elas. Não apenas em termos de desenvolvimento económico e social, como na solidez e estabilidade das instituições, além de relações diferentes com a Primeira Guerra Mundial e a crise de 1929.

A Itália, por exemplo, foi o único país latino que se tornou fascista, enquanto a grande maioria dos países da América Latina oscilou para regimes “fortes” de algum tipo, mas não fascistas. Já a França, como demonstra uma imensa bibliografia, tem particularidades evidentes, como a presença de movimentos fascistas extremamente desenvolvidos e, ao mesmo tempo, de uma forte resistência anti-fascista de esquerda, quase inexistente noutros países latinos. Além disso, os fascismos alemão e italiano eram claramente inimigos da França, e os ideais da Revolução Francesa estavam embebidos na sociedade francesa de uma forma muito mais intensa do que no resto do mundo latino. Em resumo, parece haver demasiadas diferenças para que possamos criar um padrão latino do fascismo.

Contudo, talvez não seja absurdo pensar numa outra classificação, a qual poderia excluir a França, a Itália e outros casos pouco claros, e incluir a Espanha e Portugal juntamente com a maioria dos países da América Latina. Nos dois países ibéricos, o fascismo foi relativamente fraco e o pouco que

eles conseguiram em termos de popularidade parece ter a ver, de forma análoga aos principais países latinos da América, com a emergência da modernidade nestes países. Além disso, foram ditaduras conservadoras ou reacionárias, de Franco, Vargas ou Salazar, que acabaram por eliminar os movimentos realmente fascistas, de Primo de Rivera, Plínio Salgado ou Rolão Preto (Costa Pinto, 1994; Trindade, 2004; Payne, 1986 e 1997). Houve até mesmo uma tentativa de golpe dos nacional-sindicalistas em Portugal, em 1934, assim como houve outras no Chile e no Brasil em 1938.

Assim, talvez o termo “fascismo ibérico” ou “ibero-americano” seja razoável para agrupar as histórias dos movimentos fascistas na Península Ibérica e nas suas antigas colônias na América. Ele é suficientemente amplo para abarcar várias experiências particulares, mas tem traços claramente similares em termos de ideologia, relação com as forças conservadoras e o mesmo destino. Ao mesmo tempo, é suficientemente restrito para excluir casos duvidosos, e outros muito particulares, como o francês e o italiano. Uma hipótese, uma proposta de trabalho, que talvez valha a pena desenvolver.

É possível que não queiramos utilizar este termo, e que consideremos as experiências portuguesa, brasileira, espanhola ou chilena (entre outras) como pouco particulares. Afinal, falamos de uma época na qual foram efectivamente ditaduras conservadoras que assimilaram e/ou derrotaram os fascismos nos mais diferentes lugares do mundo (como na Europa do Leste e na maioria dos países latinos), o que pode indicar que as especificidades acima indicadas são mais gerais do que parecem. De qualquer modo, o que fica claro é que as analogias entre a história política do Brasil e de Portugal no entre guerras são impressionantes, a merecer uma exploração mais densa.

Nos dois casos, os movimentos fascistas foram eliminados por ditaduras conservadoras ou reaccionárias, lideradas por homens pragmáticos, politicamente hábeis e que contaram com o apoio das forças tradicionais — como o Exército, a Igreja e as classes burguesas — para se manterem no poder e derrotarem os fascistas e também outras propostas de direita, como os monárquicos. Estes foram parcialmente cooptados² pelas novas ditaduras, mas as suas propostas radicais de mobilização de massas, criação de partidos e forças milicianas paralelas às do Estado e reformulação deste e da sociedade foram derrotadas, o que levou alguns deles a tentarem golpes de Estado, sem êxito.

² Há grande discussão na historiografia portuguesa sobre o grau de influência dos integralistas e mesmo dos nacional-sindicalistas no Estado Novo salazarista. Após o seu exame, parece-me que apesar de aproximações pontuais (como o anti-comunismo ou o anti-liberalismo) e de cooptações individuais, dificilmente se pode afirmar que o Estado português de então reflectisse os ideais seja de integralistas seja de nacional-sindicalistas.

Para o debate *v.*, entre outros, Cruz (1978a, 1978b, 1982 e 1986), Costa Pinto (1991 e 1994), Quintas (2004); Medina (1978 e 1998); Ferreira (2006) e Loff (2008).

Claro que as diferenças também são grandes e devem ser levadas em conta. O integralismo lusitano, por exemplo, era monárquico e ultra-católico, não sendo fascista em termos conceptuais. O seu equivalente brasileiro mais próximo era, provavelmente, mais o *patrianovismo* do que o integralismo (Malatian, 1990 e 2002; Macedo, 1983). Já os integralistas brasileiros não apenas entrariam claramente na categoria de “fascismo”, pela sua ideologia, base social e outros elementos (Trindade, 1974), como foram capazes de criar um verdadeiro partido de massas, com muito mais apelo popular do que os integralistas ou nacional-sindicalistas portugueses.

Mesmo Salazar e Vargas, apesar de adoptarem o mesmo nome — “Estado Novo” — para os seus regimes, não eram iguais, com o segundo tendo um viés mais acentuadamente modernizante do que o primeiro. Salazar criou um partido único (ainda que sem as características de um partido fascista) durante o seu período no poder (Costa Pinto, 1992 e 2001), enquanto Vargas não se deu sequer a este trabalho. Vargas, além disso, ficou no poder como ditador apenas até 1945, enquanto o salazarismo durou até 1974. Enfim, diferenças também há, e relevantes, mas as proximidades são suficientes para estimular a reflexão (Martinho e Costa Pinto, 2007; Macedo, 1983).

Talvez seja possível imaginar, recordando a obra de Larsen (2001), como a modernidade incompleta dos dois países tenha sido suficiente para produzir movimentos fascistas, mas não com a força necessária para chegarem ao poder (Costa Pinto, 1991 e 1994). De qualquer forma, o evidente é que as forças tradicionais das duas sociedades acabaram por não optar pelo fascismo, o que colocou os adeptos de Salazar e Vargas e os de Salgado e Rolão Preto em campos opostos, ainda que com vínculos em alguns momentos.

OS INTEGRALISTAS, PORTUGAL E OS PORTUGUESES

Vemos, portanto, que sociológica e analiticamente, a ideia de comparar a realidade brasileira com a portuguesa não é absurda. É importante notar também como havia uma grande circulação de ideias entre os vários grupos dos dois países, o que era facilitado, evidentemente, pela tradição cultural e língua comuns.

Sabemos, por exemplo, da circulação de ideais do modernismo português entre os brasileiros (Saraiva, 2004), sendo importante recordar, a propósito, como uma das origens do integralismo brasileiro foi justamente o movimento modernista. Em 1922, por exemplo, veio ao Brasil o escritor António Ferro, ligado ao futurismo, e que teve conhecida carreira no integralismo lusitano, sendo depois incorporado pela ditadura salazarista. A partir de 1924, quando houve uma divisão no modernismo brasileiro, ficou ao lado de Graça Aranha, o qual estava próximo do grupo modernista de Plínio Salgado.

Autores integralistas portugueses, como António Sardinha, também eram muito lidos e discutidos nos círculos de direita do Brasil (assim como em Espanha) desde a década de 10 (Gutiérrez Sánchez e Jiménez Núñez, 2004; Silva, 2007). Nos anos 30, há sinais de que os patrianovistas, cuja identificação ideológica com o integralismo lusitano era quase total, mantinham um olhar permanente em relação à realidade portuguesa e contactos com este movimento. Mesmo os adeptos da AIB recebiam, especialmente por intermédio dos círculos católicos, informações sobre a política portuguesa e as lutas integralistas nesse país (Moura, 2007).

A trajectória de outros movimentos portugueses também era acompanhada com interesse dentro do integralismo. Jornais e revistas da AIB noticiavam e discutiam continuamente o progresso das ideias anti-liberais e do corporativismo em Portugal (Martino Filho, 1935, pp. 72-75; Barbosa, 2007, pp. 37-42; Ribeiro, 2004), dirigindo palavras de elogio aos integralistas, aos nacional-sindicalistas e a Salazar, muitas vezes colocando-o ao lado de Hitler e Mussolini. Mesmo líderes da Acção Integralista mais distantes da cultura lusitana, como Miguel Reale, publicavam e discutiam documentos do regime salazarista (Reale, 1935).

Plínio Salgado, por sua vez, apesar dos vínculos com o fascismo italiano, tinha boa parte das suas raízes culturais no mundo lusitano, e uma visão da história brasileira que o acompanhou ao longo de toda a vida, em que o Brasil só fazia sentido como continuidade de Portugal e das qualidades da cultura e da raça portuguesas (Salgado, 1949, pp. 247-253; Araújo, 1987). Uma posição que, obviamente, facilitava a comunicação e a solidariedade mútua.

António Costa Pinto (1994, pp. 143-144) menciona como Hipólito Raposo e Rolão Preto eram sempre mencionados nos textos de Plínio, e que este se identificava com o corporativismo tradicional e espiritualista do integralismo lusitano, numa matriz católica comum. Para ele, Salgado teria sintetizado a literatura corporativista de Sardinha com algumas ideias italianas e absorvido, inclusive, a ideia da autonomia municipal (Desvignes, 2006). A este respeito, Hunsche (1996 [1937], pp. 105-109) e Medeiros (1978, pp. 595-599) também indicam que a versão integralista de Salgado era fortemente influenciada — o que não significa ser equivalente — por Sardinha e por outros integralistas lusitanos. Tratando-se de história das ideias, são afirmações de difícil comprovação, mas os contactos e as trocas intelectuais são evidentes.

Não temos muitos dados para verificar como Salazar e o seu governo viram o integralismo brasileiro nos anos 30. Em alguns, poucos, relatórios recuperados no Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, fica claro, apenas, que o integralismo despertava alguma simpatia, dado os seus ideais anticomunistas e autoritários, mas que os representantes portugueses estavam perfeitamente conscientes de que as suas hipóteses de chegarem ao poder eram limitadas, para dizer o mínimo.

Num relatório de 23 de Outubro de 1937, por exemplo, a embaixada do Rio de Janeiro indica como o movimento integralista, apesar de abrigar boa parte das classes letrada e militar, e de ter algum respaldo popular, provavelmente nunca chegaria ao comando do Brasil. Este poderia até tornar-se unitário, autoritário e corporativo, como em Portugal, mas sob a liderança varguista, e sem que o integralismo fosse elevado à dignidade de partido dirigente³.

Algumas semanas depois, consumado o golpe varguista de 1937, o embaixador volta a escrever a Salazar e faz uma análise lúcida. Em primeiro lugar, indica como o golpe tinha o objectivo, acima de tudo, de manter Vargas no poder e afastar os seus possíveis rivais, ou seja, o integralismo e o exército. Posto isso, o embaixador ressaltava como a nova Constituição reflectia alguns ideais integralistas (como o municipalismo e traços de corporativismo), mas que a sua ênfase era o reforço do poder presidencial. Com este, Vargas seria capaz de controlar o exército e o próprio integralismo, o que efectivamente sucedeu. O embaixador chega a escrever:

Três dias de incertezas. Quem será o novo titular da pasta política? Eis onde a situação houve que ter um desfecho. Os integralistas propunham e esperavam o seguinte: nova Constituição, semelhante à portuguesa, com um Presidente da República e um presidente de Governo. Este, bem entendido, seria o chefe do Partido integralista, Plínio Salgado. Constituição, aliás, de tipo municipalista e corporativo, etc etc. O Exército aceitaria? Na sua maioria parece que sim. Confabulações, anseios, esperanças e.... decepção geral: Na sombra, maquiavelicamente, o Dr. Getúlio Vargas chamara um dos seus fiéis serviçais, Francisco Campos. [...] Em absoluto segredo, ambos concertam o golpe, mantêm-no de conserva para o momento propício, fabricam uma constituição e, súbito, ei-los a agir com uma audácia que deixa a todos os políticos, todos os brasileiros, pasmos: dum para outro dia, o Brasil amanhece nas mãos de um único senhor, mais poderoso que todos os governantes, que todos os “duces” e “fuhrers”... E é tudo⁴.

Enfim, aspectos de um relacionamento que ainda precisa de ser estudado com mais detalhe. Já sobre os outros grupos da direita lusitana, os dados disponíveis são mais abundantes. Os integralistas lusitanos devem ter discordado do carácter republicano do integralismo brasileiro, da sua ambição em mobilizar as massas populares, e do seu carácter cristão, mas não totalmente católico. Ainda assim, é provável que tenha havido mais simpatia do que

³ Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Palácio das Necessidades (AHMNE), ANE 3 P, A 11 M 348, relatório de 23-10-1937.

⁴ *Ibid.*, relatório do embaixador Martinho Nobre de Mello a Salazar, Rio de Janeiro, 14-11-1937.

discordância, dados os claros pontos de afinidade na crítica anti-liberal e anticomunista.

Já os nacional-sindicalistas de Rolão Preto tiveram mais simpatias pelos camisas verdes de Salgado, o que se corporizou em elogios mútuos nas suas publicações, e mesmo na participação de alguns integralistas brasileiros, como Severino Sombra, nos seus comícios em Portugal (Costa Pinto, 1994, pp. 135-137). Os nacional-sindicalistas também escreveram a Salgado, solicitando e doando livros e publicações, e ressaltando as similitudes entre os dois movimentos⁵. A visão positiva do Brasil pelo nacional-sindicalismo, manifestada pelo próprio Rolão Preto em entrevista (Medina, 1978, pp. 231-239), também facilitava com certeza os contactos em nome da lusitanidade comum.

Não obstante, não há sinais conclusivos de colaboração mais intensa entre os dois movimentos, seja no Brasil, seja em Portugal. Algo explicado pela distância e até pelo facto de o auge do integralismo brasileiro se ter dado quando o nacional-sindicalismo já estava em decadência.

Já o regime de Salazar, provavelmente por querer evitar problemas com o governo brasileiro, por ter uma óptima visão e relação com Vargas, e por ser muito mais reaccionário do que fascista, não parece ter tido nenhum relacionamento íntimo com os camisas-verdes brasileiros. A maioria destes admirava Salazar, ainda que alguns também o criticassem, pois era evidente nos anos 30 o tom reaccionário e desmobilizador do seu regime. Uma relação, pois, de simpatia e distanciamento. Mas são estas afirmações que ainda requerem pesquisa específica para detalhamento e confirmação.

Isso parece refletir-se no plano simbólico. Enquanto os integralistas faziam, ostensivamente, manifestações conjuntas com os fascistas italianos, falangistas e até nazis em actividade no Brasil, não conheço dados sobre contactos mais firmes entre membros do governo português e os integralistas no Brasil.

Mesmo o trabalho seminal de Heloísa Paulo (2000) a respeito da acção salazarista no Brasil não traz grandes informações a este respeito. Um sinal de que, se houve algum contacto do governo português com a AIB, este não foi tão denso como o que esta manteve, por exemplo, com Roma, e que nenhum apoio concreto fluiu de Lisboa para ela. Contactos ocasionais e simpatias mútuas ocorreram, provavelmente, mas são difíceis de precisar.

⁵ Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/Fundo Plínio Salgado (APHRC/FPS), Pi, 35.07.21, carta de Cláudio Corrêa de Oliveira Guimarães, Porto, 21-7-1935, pedindo colaboração mais íntima entre os dois movimentos, troca de materiais, etc. O autor informa que aquela carta, e outras, estavam a ser encaminhadas através do seu familiar Plínio Corrêa de Oliveira, o qual, futuramente, seria o líder da organização católica de extrema direita brasileira Tradição, Família e Propriedade.

Noutra carta, o mesmo remetente, em papel timbrado do “Nacional Sindicalismo. Comissariado da Propaganda, Seção Norte”, reforçava o pedido de contactos. V. *Ibid.*, 00.00.43/5. A data registada no arquivo (1943) pode, no entanto, estar equivocada, pois o contexto indica um momento anterior.

O mesmo pode ser dito sobre a participação de imigrantes portugueses e seus filhos na Acção Integralista. Não temos dados a respeito deste assunto, o que dificulta quaisquer análises. Efectivamente, ao analisarmos as actas de uma dada secção da AIB, é fácil reconhecer os sobrenomes alemães, italianos, polacos ou mesmo, em alguns casos, os espanhóis. Os portugueses confundem-se, obviamente, com a grande massa luso-brasileira e, assim, torna-se difícil qualquer quantificação.

Considero provável que esta participação tenha ocorrido, mas, se para os filhos de outros imigrantes, participar da AIB era, muitas vezes, uma maneira de reafirmar a sua brasilidade e assimilação (Bertonha, 2001), talvez os filhos e netos de portugueses não tivessem essa necessidade, dada a sua aceitação quase imediata como brasileiros. Por outro lado, a presença forte dos ideais de direita (não apenas fascistas) na colónia portuguesa pode ter induzido alguns membros a militarem nas hostes integralistas e a apoiarem o regime de Vargas. Só podemos afirmar que, de alguma forma, portugueses e descendentes devem ter participado da AIB.

Enfim, através de leituras comuns, circulação de pessoas e ideias e de uma solidariedade ao menos difusa, o integralismo tinha contactos claros com a realidade portuguesa e um diálogo intenso com ela. Mas era um diálogo que estava longe de ser exclusivo, pois também autores italianos, alemães, espanhóis, franceses e outros estavam em voga. Salazar era um líder (de importância) que merecia ser admirado, mas estava lado a lado com Hitler, Mussolini, Franco e outros. A proeminência do modelo português só se tornaria real com o colapso dos regimes fascistas na Segunda Guerra Mundial e após a estada de quase sete anos de Plínio Salgado em Portugal, entre 1939 e 1946, momento que estudamos a seguir.

PLÍNIO SALGADO E O EXÍLIO PORTUGUÊS

Não está claro se Plínio se decidiu exilar em Portugal, ou se foi forçado pelo governo Vargas a escolher este país. A primeira opção parece a mais provável e indica, a meu ver, tanto a força dos vínculos deste com a cultura lusitana, como a facilidade do idioma comum. Também influiu, segundo defendo, a transformação que Plínio Salgado ia sofrendo neste final dos anos 30, de um líder de um movimento fascista para um pensador e político mais ligado ao conservadorismo católico.

Ao exilar-se em Portugal, Plínio ainda não havia completado esta transição. Tanto que, ao mesmo tempo que mantinha contactos com o governo de Vargas, e também com os seus opositores (num jogo duplo de adulação e subversão que não deu grandes resultados), procurou articular-se com agentes nazis e fascistas que o procuraram em Lisboa (Klein, 2004; Seitenfus, 1985 e Hilton, 1977 e 1983). Aspectos de uma política ambígua

da parte dele e do seu movimento, mas que não poderei desenvolver aqui, tanto por questões de espaço, como porque é outro o meu foco.

Muito mais interessante para o meu argumento, efectivamente, é verificar como se deu a sua articulação com o mundo da direita portuguesa, e como esta articulação colaborou para a sua mudança de rumo, em termos políticos e intelectuais.

Apesar das suas alegações posteriores, e dos seus esforços de aproximação, não há sinais de quaisquer contactos directos com Salazar e com o seu governo. Ele procurou-os, tendo enviado, por exemplo, livros para a Presidência da República⁶, que agradeceu formalmente. Salazar, no entanto, parece tê-lo ignorado. Isto é facilmente compreensível dada a distância ideológica entre ambos, e o esforço de Lisboa para não permitir que Plínio se tornasse um problema nas relações com Vargas⁷.

Outro factor que naquele momento pode ter afastado Salgado de Salazar foi a sua aproximação aos sectores da direita portuguesa que não estavam exactamente satisfeitos com o regime, e que este via com certa desconfiança, aproximação esta mais do que clara pelas evidências disponíveis.

Logo ao chegar a Portugal, Plínio procurou contactar Rolão Preto, segundo informe da PIDE do Porto⁸, e manteve contactos com ele ao menos até 1942, quando tentou visitá-lo na sua residência⁹. Com os integralistas lusitanos, a formação de laços fica ainda mais clara. Plínio dedicou, simbolicamente, livros à viúva de António Sardinha¹⁰, e chegou a receber a colecção completa do “integralismo lusitano” de Raposo¹¹. Na foto abaixo, por fim, surge na companhia dos principais líderes do integralismo lusitano, como Raposo, Monsarraz, Pequito Rebelo e outros¹².

⁶ *Ibid.*, L, 28.8.1944/3 e 29.9.1944/4. Carta da Presidência da República, Lisboa, 28-8-1944 e 22-9-1944, informando que receberam os livros enviados por ele ao presidente e a outras figuras do Estado (inclusive por intermédio do embaixador do Brasil, simpatizante do integralismo e seu líder) e fazendo os agradecimentos da praxe.

⁷ Em 1946, a legação italiana em Lisboa comentou, justamente, que devido à amizade entre os governos de Salazar e Vargas, Plínio teria sido ignorado e obrigado a abster-se da acção política ostensiva em Portugal. O seu acolhimento nos ambientes da direita católica e dos integralistas, contudo, não poderia ter sido melhor. V. Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri (ASMAE), Roma, Brasile, Affari Politici 1946-1950, b. 1, relatório da legação italiana em Lisboa, 26-8-1946.

⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo/ANTT, Lisboa. PIDE/DGS 4262/3533, carta da delegacia do Porto de 17-7-1939, informando que ele procurou Rolão Preto em Lisboa e deveria vir logo ao Porto, desconhecendo-se o fim. Registe-se que as informações na PIDE sobre Plínio são escassas, pois várias pastas que existiam sobre ele foram anuladas posteriormente pelo próprio órgão, provavelmente nas décadas posteriores.

⁹ APHRC/FPS, Pi, 42.09.03/1, carta de Plínio Salgado a Rolão Preto, Covilhã, 3-9-1942.

¹⁰ *Ibid.*, caixa 109, E1, “Plínio Salgado e António Sardinha”. *A Voz*, 2-9-1946.

¹¹ *Ibid.*, PI 51027. Sem data, mas dos anos 40.

¹² http://www.angelfire.com/pq/unica/ib_ps_em_portugal_fot.htm. Acesso em 11-11-2009. Há muitas outras fotos neste endereço.



Através destes contactos, Plínio também conseguiu ser apresentado a outras figuras do circuito da direita europeia. Em 1941, por exemplo, teria sido apresentado por Hipólito Raposo a Francisco Elias de Tejada Spinola, de Salamanca, carlista e anti-liberal, o qual se teria tornado seu amigo (Salgado, 1949, pp. 291-334). Dois anos depois, monsenhor Moreira das Neves apresentou-o ao “poeta oficial do salazarismo”, António Corrêa de Oliveira¹³. Em 1944, por fim, conheceu o poeta Antero de Figueiredo e teria ficado seu amigo íntimo (Salgado, 1954, p. 290).

Em livros de simpatizantes de Plínio que recolheram depoimentos (dados de vários momentos) a seu respeito, publicados em 1986 e 1999, também há inúmeras fotos e transcrições de discursos e homenagens feitas pelos integralistas lusitanos durante a sua estadia em Lisboa. Os mesmos volumes recolhem vários textos de pessoas ligadas ao antigo regime salazarista (como António de Oliveira Coelho, Fernando de Aguiar, Henrique Ruas, Hugo Rocha e outros) ainda vivas nos anos 70 e 80, as quais utilizam esses espaços de homenagem a Plínio para se posicionarem contra o movimento de 1974 (Carvalho, 1986; Dórea, 1999).

¹³ *Ibid.*, L 00.00.43/32, carta de monsenhor Moreira das Neves a Plínio Salgado, Lisboa, 1943.

O contacto de Salgado com os sectores “radicais” do regime naquele momento também parece ter sido mais denso do que com este como um todo. O próprio Plínio, em várias cartas daquela época, informa que, por exemplo, pessoas da Mocidade Portuguesa vieram homenageá-lo quando chegou a Portugal, que foi visitado pelo Dr. Soares Franco, secretário dessa instituição, e que pessoas que lhe eram próximas compareceram a um jantar oferecido pela Legião Portuguesa (Salgado, 1980, pp. 18-22 e 43).

Fica a questão, aliás, se pelo menos alguns dos encontros com agentes nazis e fascistas indicados acima, não foram intermediados pelos seus amigos, entre os nacional-sindicalistas e os da Legião Portuguesa, que eram claramente germanófilos naquele momento (Rodrigues, 1996, pp. 138-156). João Ameal, por exemplo, era membro da junta central da Legião, e teria sido amigo próximo de Plínio em Lisboa e nas décadas seguintes.

Nota-se, de qualquer forma, que ele conseguiu estreitar relações com pessoas relacionadas com os grupos monárquicos, ou outros relativamente afastados do centro do regime salazarista ou, ainda, com pessoas e instituições mais “radicais” que este, mas que perderiam influência e poder logo depois (Rodrigues, 1996).

A propósito, o embaixador brasileiro João Neves da Fontoura, em carta a Vargas em 1945, fez observações bastante interessantes sobre esta inserção pliniana em Lisboa:

De certo tempo para cá, o antigo chefe integralista tem o seu nome cercado de uma hábil mas constante propaganda feita por numerosos jornais portugueses, notadamente o órgão oficioso “Diário da Manhã” e os quotidianos católicos, de fundo político-monárquico e reacionário, como “A Voz” e “Novidades”. Plínio é apresentado ao público e louvado como escritor, líder católico, homem de letras, sem alusão às campanhas políticas por ele sustentadas no Brasil, mas a crescente insistência com que o seu nome é posto em destaque, por elementos afins na ideologia daquele nosso compatriota, levam-me a crer que haja em tudo isso não só uma preocupação política dos referidos elementos (todos eles do mais genuíno salazarismo), senão também qualquer sincronização com os seguidores aí do antigo profeta verde.

Não sei se Vossa Excelência sabe que a concepção doutrinária, assim como a própria denominação — Integralismo — é de origem portuguesa. Isso despontou aqui depois da última guerra, sob a inspiração do poeta e escritor António Sardinha, que, no fundo, era um partidário acérrimo da restauração dinástica. Sardinha fez escola, mais literária do que política, mas os seus discípulos (Sardinha morreu há anos) sempre mantiveram o culto dos seus objetivos e, como são homens intelectuais, escrevem livros e artigos na imprensa em favor do seu ideário. [...]

De qualquer forma, os co-religionários portugueses de Plínio Salgado representam aqui uma das mais coloridas expressões da situação vigente,

embora, a meu juízo, não tenham maior repercussão nacional, quer como partidários do Estado corporativo, quer principalmente como corifeus da restauração. [...]

Sem embargo, o Integralismo aqui continua a viver a sombra de Salazar e vem dando mostras de seu propósito ostensivo de prestigiar o Plínio Salgado. Este, levemente, longe de retrair-se como lhe convinha, exhibe-se escrevendo e fazendo conferências em vários pontos do país. Mando junto a Vossa Excelência o recorte do “Diário da Manhã” referente a última. O orador, que apresenta Plínio ao auditório, é o integralista lusitano João Ameal. Em seu discurso, filia expressamente Plínio aos seus co-religionários portugueses. [...]

Nunca fiz sentir ao governo português qualquer reserva a respeito do tratamento dispensado a Plínio Salgado, primeiro por não ter nunca recebido instruções para tanto; depois, porque talvez Salazar chamasse a nossa atenção para o caso do Jayme Cortesão e outros adversários dele que aí gozam também de atenções muito pronunciadas¹⁴.

Não deixa de ser interessante, aliás, que Plínio tenha conseguido manter um relacionamento chegado com antigos integralistas mais próximos do fascismo e do nacional-sindicalismo e longe dos centros do poder como, por exemplo, Alberto de Monsaraz, (Ferreira, 2007a e 2007b), mas que ele não tenha sido visto em companhia de outro ex-integralista, nomeadamente de António Ferro. Este havia sido cooptado pelo regime (Adinolfi, 2007) e, apesar de ter tido relações com Plínio e com o seu grupo nos anos 20, não parece ter tido interesse em aparecer publicamente a seu lado, o que poderia ter desagradado a Salazar.

Contudo, a partir mais ou menos de 1943-1944, provavelmente como reflexo dos rumos da guerra, Plínio vai abandonando os seus contactos com o mundo fascista e aumentando substancialmente as ligações com o universo católico e conservador de Portugal. A partir desse momento, proferiu várias conferências em círculos católicos e escolas em Lisboa, no Porto e ainda em Coimbra e Braga¹⁵, e publicou muitos artigos e livros no país, quase todos versando sobre temas católicos ou sobre as ligações entre Portugal e o Brasil.

A “nova fase” de Plínio também pode ser inferida pelos títulos das suas conferências daqueles anos: “As cidades brasileiras”, “As mensagens de Nossa Senhora”, “O conceito cristão de democracia”, “O Ribatejo e o Brasil”, “A tua cruz Senhor!”, “Primeiro Cristo” “O mistério da ceia”, etc.

¹⁴ Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, GVC 1945.01.22/1, carta de João Neves da Fontoura a Getúlio Vargas, Lisboa, 22-1-1945.

¹⁵ APHRC/FPS, caixas 38, 106 e 107.

Várias destas conferências foram reunidas posteriormente em livros, publicados em Portugal e no Brasil (Salgado, 1943, 1945, 1946a, 1946b, 1946c)

As suas publicações neste período são realmente abundantes, e as suas editoras em Portugal incluem a Ática, a Figueirinhas, a Pro Domo, a Gama, a Ultramar, entre outras. Estes livros parecem ter vendido bem, contribuindo para melhorar muito a sua situação financeira¹⁶. De especial força foi a obra *Vida de Jesus* (1942), uma espécie de história de Cristo, mas com tons claramente auto-biográficos, e permeada de forte catolicismo. A obra, na sua edição portuguesa de 1944, fez bastante sucesso nos círculos católicos portugueses, e foi ela que abriu as portas para a entrada de Plínio no circuito católico local¹⁷.

Quase todas as suas conferências foram pronunciadas em 1944 e várias teriam sido, inclusive, transmitidas pela emissora nacional de rádio, em Lisboa. Ele também utilizou a sua nova fase como escritor para se aproximar dos sectores católicos, como indica a imensa lista de bispos, padres e intelectuais católicos a quem ofereceu cópias do seu *Vida de Jesus*¹⁸.

Durante este período estreitou laços com o cardeal Cerejeira, que recebeu aquando da sua visita ao Brasil em 1946¹⁹. Também se tornou amigo do padre Moreira das Neves (Salgado, 1954, pp. 317-325). Ainda em 1976, este último chegou a escrever versos em memória de Plínio no livro já referido, publicado pelos seus adeptos (Carvalho, 1986, pp. 100-105 e 9).

Isto não significa, claro, que este esforço tenha começado apenas em 1942 ou 1943, ou que o catolicismo não fosse forte em Plínio já no período anterior. Já em 1940, por exemplo, visitara o Santuário de Fátima (onde iria novamente em 1946) e os seus esforços para atingir o mundo católico português já se faziam sentir desde a sua chegada a Portugal. Mas é a partir de 1944 que tais laços se intensificam e adquirem consistência, ao mesmo tempo que se afastava, ao menos ostensivamente, dos vínculos com fascistas e outros radicais.

Os poucos antifascistas actuantes no país naquele momento chegaram a ironizar a situação, dizendo que Plínio, expulso do Brasil por “quinta-colunismo”, estaria agora em Portugal, falando aos seus amigos do “Círculo Eça de Queiroz” e no Liceu Camões, “a explicar aos portugueses os motivos por que devemos adorar o papa e continuar escravos”²⁰.

¹⁶ Arquivo de Rio Claro, Fundo Carmela Patti Salgado (ARS/FCPS), carta a Abel Rafael Pinto, 4-3-1985.

¹⁷ APHRC/FPS, caixa 106, E3, onde Plínio arquivou uma imensa quantidade de recortes de jornal a respeito do lançamento do livro e da sua repercussão em 1944.

¹⁸ *Ibid.*, caixa 51, E15, doc. 1.

¹⁹ *Ibid.*, caixa 109, E1, “A visita do Cardeal Cerejeira ao Brasil”. *Idade Nova*, 21-9-1946.

²⁰ ANTT, Arquivo Oliveira Salazar, ANTT/AOS/CO/PC-3I, número mimeografado do jornal antifascista *Lanterna*, n.º 3, Outubro 1945.

Ironias à parte, fica claro que, por volta de 1946, Plínio estava plenamente inserido no mundo tradicionalista católico de Portugal, e essa inserção se corporizou numa visibilidade — via artigos, conferências e visitas diversas — que ele não tinha tido nos seus primeiros anos de exílio. Nos anos que se seguiram, este prestígio continuou e Salgado era sempre mencionado e citado pelos sectores mais conservadores da Igreja católica portuguesa²¹.

No presente estado dos conhecimentos, não fica claro o porquê de estes sectores terem pretensamente apoiado o esforço pliniano de aquisição de uma nova respeitabilidade e identidade. Podemos imaginar que estava imbuído, nesse suporte, uma tentativa de aumentar os seu espaço frente ao governo de Salazar, num momento em que este indicava que não seria mero instrumento da Igreja (Rezola, 2007), mas esta é apenas uma hipótese, a estudar com mais detalhe.

De qualquer forma, esta conversão pliniana de líder fascista em conservador ultra-católico foi fundamental na sua tentativa de se relançar na política brasileira. Depois de voltar ao Brasil em 1946, tornou-se líder do Partido de Representação Popular (PRP) entre 1946 e 1965, com algum apelo eleitoral, e foi candidato, derrotado, à presidência em 1955. Ele e o seu grupo apoiaram o golpe militar de 1964, e viria a terminar os seus dias como deputado do partido governista, a ARENA, com algum prestígio, mas pouco poder político.

Não obstante, foi uma reciclagem razoavelmente bem sucedida que lhe permitiu desfrutar de prestígio e reconhecimento, provavelmente muito longe ainda do que ele ambicionava, mas muito além do obtido por outros líderes fascistas no pós-1945, como Mosley, Arcand ou mesmo Rolão Preto. E, para esta reciclagem, foi fundamental a sua transmutação de líder fascista para um que passou a aceitar minimamente as regras da democracia liberal (ao menos entre 1945 e 1964 — Calil, 2005) e que procurou enfatizar a mensagem católica e anticomunista. O período em Portugal não foi, certamente, a única motivação desta transição, mas marcou-a profundamente.

Nesta trajectória entre 1945 e 1975 deve ser destacado, ainda, como a sua visão de Salazar e do salazarismo se modificou. De uma simpatia combinada com alguma desconfiança, e de contactos marcados pela desconfiança e relutância nos anos 30 e 40, caminhou para uma defesa aberta e apaixonada do salazarismo, o que corresponde a uma mudança notável de rumo.

PLÍNIO SALGADO, SALAZAR E PORTUGAL ENTRE OS ANOS 40 E 70

Plínio, efectivamente, manteve contacto com os seus antigos colegas dos círculos católicos e integralistas. Visitou Portugal algumas vezes para con-

²¹ APHRC/FPS, caixa 110, recortes de jornais portugueses de 1948 e 1949.

ferências (em 1951, 1960 e outras) e sempre acompanhou os acontecimentos do país, como indicado pelo grande número de publicações e recortes sobre assuntos portugueses presente no seu arquivo²². Alguns dos seus livros continuaram a ser publicados em Portugal, e a sua editora, a Livraria Clássica Brasileira, também publicou livros de António Sardinha, Leão Ramos Ascensão, e de outros integralistas lusitanos entre 1951 e 1956²³.

Defendeu sempre o país e as posições políticas portuguesas em todos os fóruns em que participou. Nos seus discursos na Câmara dos Deputados nos anos 60 e 70, por exemplo, afirmava que o colonialismo português era positivo, e que tanto Franco como Salazar eram bastiões contra o comunismo, sendo que apenas os comunistas poderiam atacá-los (Salgado, 1982, pp. 339-344, 355 e 409).

Em conferências e artigos de jornal, Salgado também ressaltava como o colonialismo português era o de um povo que queria levar a civilização aos bárbaros, enquanto o soviético pretendia escravizar os povos civilizados²⁴. Segundo Calil (2005, pp. 756-761), a lusofilia tornou-se um elemento central na política externa defendida pelo PRP.

Salazar era particularmente elogiado por se tratar de um homem pacífico que havia reconstruído a economia de Portugal, e por ser um grande intelectual, um asceta que prestaria grandes serviços ao Ocidente. A sua morte, em 1970, deixou-o especialmente desgostoso, tendo feito um emocionado discurso em sua memória²⁵.

Não espanta também a sua tristeza em relação à Revolução dos Cravos, pouco antes da sua morte. Em artigos publicados na grande imprensa, revelava-se preocupado com a hipótese de Portugal se tornar comunista e pedia às Forças Armadas portuguesas que o impedissem:

A tranquilidade desapareceu na Pátria de nossa Pátria. E nós, brasileiros, assistimos desolados ao que vem acontecendo [...]. A rebelião da última semana evidencia o desespero dos homens que pensam, que sentem o drama da Pátria [...]. Bastava seguir o exemplo do Brasil, em 1945, quando as Forças Armadas derrubaram a ditadura de Vargas, em muitos pontos parecida com o regime português, agora apeado do poder. O povo brasileiro reentrou na ordem mais perfeita, constituindo três partidos e outros pequenos, mas com a mesma doutrina da ordem. O partido comunista foi fechado pelo Supremo

²² *Ibid.*, caixa 38. Há muitos livros e documentos doados pela “Secção de intercâmbio luso-brasileiro” do SNI de Portugal, 1951.

²³ *Ibid.*, caixa 12, E15.

²⁴ *Ibid.*, caixa 7, E1, doc. 5, discurso de Plínio Salgado na “Casa de Portugal”, Rio de Janeiro, 1-12-1963. Para outros artigos e conferências em defesa do colonialismo português, v. Calil (2005, pp. 756-761).

²⁵ Salgado, 1982, pp. 372 e 775-779. V. também APHRC/FPS, caixa 6, E3, doc. 4.

Tribunal Federal, considerando que seu objetivo último é a abolição da democracia. Quando, em 1964, os agentes de Moscou na clandestinidade se infiltraram nas correntes políticas e promoveram movimentos perturbadores da nacionalidade, as Forças Armadas os esmagaram”²⁶.

Também na sua revisão (limitada) das décadas anteriores, quando tentou distinguir o integralismo dos fascismos, criticou o racismo e o materialismo do nazismo e o estatismo do fascismo italiano, mas raramente faz quaisquer comparações com Franco e Salazar, o que indica como ele não se queria afastar do modelo destes últimos (Medeiros, 1978, p. 593). Sobre Franco, aliás, é emblemático o facto de ele ter comparecido a uma missa no “Vale de los Caídos” no primeiro dia de 1961, fazendo uma homenagem ao líder da falange, José Antonio Primo de Rivera²⁷.

Salgado recebeu algumas recompensas pela sua visão cada vez mais positiva do salazarismo. Fez palestras em órgãos da colónia portuguesa próximos a Salazar, como na Casa do Porto, do Rio de Janeiro, em 1956; no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro (em Agosto de 1954 e Julho de 1958), e no equivalente de Salvador, em 1959.

Também consta nos seus arquivos a informação de que, em 1958, o seu livro *Vida de Jesus* teria sido adoptado por várias escolas e liceus portugueses, e que fora recebido por Salazar em 1960 e, novamente, em 1962²⁸. E, em 1948, Salgado recebeu gratuitamente uma passagem de ida e volta do Rio de Janeiro a Lisboa, oferecida pela Companhia Colonial de Navegação do Estado português. A passagem recebida viabilizou a ida de Salgado às Conversações Católicas de San Sebastián, em Espanha²⁹.

Mesmo assim, os sinais de colaborações mais íntimas continuam quase nulos. Nos arquivos de Salazar, tudo o que existe são duas cartas dos anos 50 escritas por Plínio a Salazar. Numa delas encaminha um artigo de jornal da sua autoria, datado de 7-12-1953, no qual elogia a herança lusitana do Brasil. Na outra, de 1951, ele agradece as gentilezas que, supostamente, Salazar lhe teria concedido durante o seu exílio (das quais não há outros registos), e apresenta o seu amigo Alfredo Egídio de Souza Aranha, que estaria em viagem a Portugal³⁰. O próprio Plínio admitiu, posteriormente, que

²⁶ “Portugal”. *Diário de São Paulo*, 16-3-1975. In *Ibid.*, caixa 4, E6, doc. 7. V. também, para outros textos no mesmo tom, caixa 5, E2 e 3. Para uma colecção imensa de recortes de jornal sobre os acontecimentos em Portugal, com sublinhados constantes de Plínio sobre tudo que pudesse indicar a acção comunista no país, v. caixa 119.

²⁷ *Ibid.*, caixa 6, E7, doc. 6, original de artigo de Plínio Salgado para o jornal *A Marcha* de Janeiro de 1961.

²⁸ *Ibid.*, caixa 114, E1 e E3, recortes coligidos por Plínio sobre estas viagens.

²⁹ Carta de Plínio Salgado a Bernardino Alves Corrêa, 11-11-1948. In *Ibid.*, Pi, 11-11--48/1.

³⁰ AOS/CP-247, Plínio Salgado, cartas de 31-7-1951 e 7-12-1953.

os seus principais amigos e aliados em Portugal eram os opositores monárquicos de Salazar e não o regime em si (Salgado, 1982, pp. 355 e 370).

A defesa de Salazar e do salazarismo, na verdade, longe de reflectir uma ligação directa a Lisboa, parece ser mais uma defesa, por parte de Plínio, do modelo lá implantado, com o sonho oculto, provavelmente, de que seria possível reproduzir o franquismo ou o salazarismo no Brasil. Isto é no mínimo irónico, pois Salazar e Franco fizeram nos seus países exactamente o que Vargas fez no Brasil, ou seja, eliminaram à frente de ditaduras conservadoras os fascismos locais. No pós-guerra, contudo, Plínio parece ter caminhado, como já mencionado, para um conservadorismo mais tradicional do que fascista, o que o aproximou do modelo salazarista ou de Franco.

No contexto da Guerra Fria, Salazar e Franco representavam modelos do que seria aceitável em termos de ditadura da direita conservadora dentro do campo ocidental, e não espanta tanto assim que reproduzir o modelo ibérico no Brasil tenha sido um desejo de Plínio, ainda que não realizado. Para estudantes da direita radical na Universidade de Coimbra dos anos 50 a 70, a ditadura salazarista poderia ser insuficiente para os seus ideais (Marchi, 2008), mas para os membros do grupo de Plínio teria sido um sonho. É evidente que eles nunca tentaram realmente persegui-lo (dada a sua impossibilidade prática) e procuraram outros métodos, como a via eleitoral, ou a participação no regime militar, para aumentar o seu poder e influência, mas, ainda assim, era uma perspectiva desejável, ao menos em teoria.

Vale a pena mencionar, a este respeito, uma outra ideia pliniana, a da criação de uma espécie de Câmara Corporativa dentro da estrutura da ditadura militar, nos anos 60. Ela insere-se dentro do esforço em fazer aumentar a sua influência dentro do regime através do fornecimento de uma base doutrinária que a este faria falta. Já em 1964, não apenas fez o que pôde para se afirmar como o “pai” do movimento, como convocou membros do PRP para criarem uma “comissão interventora de reestruturação”, a qual deveria fornecer a base filosófica e doutrinária do movimento. Nos anos seguintes continuou a lutar para que a ideologia integralista servisse de base para o regime dos generais, e defendeu uma reestruturação política que eliminaria o Senado e criaria um Parlamento baseado não em eleições, mas numa representação classista que se aproximava do velho corporativismo dos anos 30.

Em 1966, numa nova tentativa, abrandou a sua proposta e propôs a criação de uma “câmara orgânica”, que não substituiria o parlamento, mas serviria para assessorá-lo. A ideia foi repelida pela comissão mista que estudava a nova Constituição, mesmo com todos os esforços de Plínio em sentido contrário, incluindo apelos ao presidente Castelo Branco, e acabou por desaparecer³¹.

³¹ APHRC/FPS, caixa 9, E5, doc. 11, projecto Emenda Constitucional 609, 15-12-1966; caixa 115, E2, recorte “Plínio Salgado sugere: Parlamento exclusivamente de técnicos”.

O interessante é que esta proposta se aproxima muito da câmara corporativa criada por Salazar, a qual, muito menos radical do que a versão italiana, era composta pelos representantes das corporações, das câmaras e das assembleias municipais, e tinha por função oficial assessorar a Assembleia Nacional, mas, na verdade, acabava por ter mais poderes e influir muito mais, ao menos em certo período, no Estado (Ferreira, 2007c).

Um pouco antes da sua morte, mostrando novamente os vínculos entre estas propostas e a experiência portuguesa, publica um artigo num jornal paulistano, no qual comenta que um velho amigo, João Ameal, queria vir ao Brasil. Para Salgado,

Será uma dádiva de Deus se isso acontecer, no momento em que precisamos dar conteúdo doutrinário à Revolução de 1964, que se encontra a braços das maiores dificuldades para convencer o povo brasileiro das altas intenções do governo no sentido de sustentação da ordem, da disciplina das idéias construtoras da grande nação. A mocidade das escolas está sem rumo e desorientada por autores e mestres medíocres, arautos de um materialismo grosseiro e de um agnosticismo que leva a um pragmatismo que a nada conduz e que cria a indiferença pelos destinos da Pátria e sua missão no futuro. A palavra de João Ameal seria oportuna e de maior importância para a sobrevivência do Brasil dentro da linha de suas tradições cristãs e do sentido de suas responsabilidades na hora trágica em que ainda constituímos uma ilha de segurança em face das calamidades que assolam os povos da Terra³².

Estes pontos de contacto poderiam ser apenas ocasionais, mas, a meu ver, não o são, indicando antes uma visão muito clara de Salgado a respeito das possibilidades de reprodução de aspectos do salazarismo no Brasil e do seu desejo de que isto ocorresse.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos a história dos fascismos e das direitas em geral, em Portugal e no Brasil, percebemos certas proximidades (o que não significa esquecer as diferenças) estruturais que convidam à comparação. Se estas proximidades advêm de questões maiores, como os dilemas da modernidade enfrentados pelos dois países, ou mesmo da proximidade cultural, é ponto a investigar, mas elas existem.

A Gazeta, 28-7-1965. V. também os recortes de jornal de 1967 e 1969, armazenados nas caixas 115, E4 e 116, E1.

³² “João Ameal, historiador e filósofo”. *Diário de São Paulo*, 9-2-1975. In *ibid.*, caixa 4, E6, doc. 2.

De qualquer modo, até pela proximidade entre os dois países, o integralismo brasileiro bebeu profundamente tanto nas reflexões e contactos com os nacional-sindicalistas (que, seriam, provavelmente, a força política portuguesa que lhe estava mais próxima), como também de trocas intelectuais e políticas com várias forças da direita portuguesa, como os católicos, os integralistas e os salazaristas. O integralismo brasileiro não era uma cópia de algum modelo português (como também não o era de um modelo italiano ou alemão), mas bebeu nestas e noutras fontes, nacionais e europeias, para construir o seu próprio ideário.

Depois da derrota do Eixo na Segunda Guerra e da caminhada de Plínio Salgado para posições mais conservadoras, a importância do referencial português (e espanhol) aumentou, e Salazar e o seu regime passaram a ser vistos como o novo modelo que ele gostaria de implantar no Brasil. Mesmo com o regime de Lisboa a dar importância limitada a este assunto, e mesmo que tais sonhos tenham sido inviáveis, é uma mudança radical de panorama, que demonstra bem as alterações dentro do corpo da direita radical brasileira no pós-Segunda Guerra.

Parece evidente, à luz do exposto, que entender os referenciais externos — italianos, alemães, franceses e também espanhóis e portugueses, entre outros — é fundamental para que possamos compreender o pensamento e a obra dos integralistas e dos seus sucessores no Brasil. Não no sentido de cópias ou influências, mas de diálogos que nos permitiam ver o mundo de uma forma e não de outra.

Resta a pergunta de caminho inverso, ou seja, de como o integralismo brasileiro e outras forças da direita nacional (os patrianovistas, o regime de Vargas, os militares, etc.) influenciaram as seus congêneres em Portugal. O diálogo nunca é uma via de sentido único, e parece razoável supor que houve algum reflexo das questões e debates brasileiros em Portugal. Resta delimitar quanto, de forma a que possamos ter mais clareza sobre a hipótese de haver um pensamento fascista ou de direita “latino”, “ibérico” ou, quem sabe, “luso-brasileiro”.

BIBLIOGRAFIA

- ADINOLFI, G. (2007), “António Ferro e Salazar: entre o poder e a revolução”. In F. C. M. Martinho e A. Costa Pinto, *O Corporativismo em Português. Estado, Política e Sociedade no Salazarismo e no Vargasismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, pp. 109-137.
- ARAÚJO, R. B. DE (1987), *Totalitarismo e Revolução: O Integralismo de Plínio Salgado*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BARBOSA, J. R. (2007), *Sob a Sombra do Eixo: Camisas Verdes e o Jornal Integralista Acção (1936-1938)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Marília, Universidade Estadual Paulista.
- BERTONHA, J. F. (2001), *O Fascismo e os Imigrantes Italianos no Brasil*, Porto Alegre, EDIPUCRS.

O integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975)

- BERTONHA, J. F. (2008), *Sobre a Direita — Estudos sobre o Fascismo, o Nazismo e o Integralismo*, Maringá, Eduem.
- BERTONHA, J. F. (2010), *Bibliografia Orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)*, Rio Claro, Arquivo Municipal de Rio Claro.
- CARVALHO, J. B. de (1986), *Plínio Salgado — In Memoriam. vol. 2 (autores estrangeiros)*, São Paulo, Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado.
- CALIL, G. G. (2005), *O Integralismo no Processo Político Brasileiro — o PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*, Tese de Doutorado em História, Niterói, Universidade Federal Fluminense.
- COSTA PINTO, A. C. (1991), *O Salazarismo e o Fascismo Europeu — Problemas de Interpretação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Estampa.
- COSTA PINTO, A. C. (1992), “As elites políticas e a consolidação do salazarismo: o nacional sindicalismo e a União Nacional”. *Análise Social*, 17 (116-117), pp. 575-613.
- COSTA PINTO, A. C. (1994), *Os Camisas Azuis — Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal, 1914-1945*, Lisboa, Estampa.
- COSTA PINTO, A. C. (2001), “O império do professor: Salazar e a elite ministerial do Estado Novo (1933-1945)”, *Análise Social*, 25 (157), pp. 1055-1076.
- CRUZ, M. B. da (1978a), “As origens da democracia cristã em Portugal e o salazarismo (I)”. *Análise Social*, 14 (54), pp. 265-278.
- CRUZ, M. B. da (1978b), “As origens da democracia cristã em Portugal e o salazarismo (II)”. *Análise Social*, 14 (55), pp. 525-608.
- CRUZ, M. B. da (1982), “O integralismo lusitano nas origens do salazarismo”. *Análise Social*, 18 (70), pp. 137-182.
- CRUZ, M. B. da (1986), “O Integralismo Lusitano nas origens do salazarismo”. In *Monárquicos e Republicanos no Estado Novo*, Lisboa, D. Quixote, pp. 13-74.
- DESIGNES, A. I. S. (2006), *António Sardinha (1887-1925). Um Intelectual no Século*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- DÓREA, A. G. R. (1999), *Plínio Salgado. Um Apóstolo Brasileiro em Terras de Portugal e Espanha*, São Paulo, GRD.
- FERREIRA, N. S. (2006), “A ‘política de posição’ de Salazar (1936 a 1941). Uma visão dos integralistas”. *Lusiada — História. Série II* (3), pp. 165-212.
- FERREIRA, N. S. (2007a), “Alberto de Monsaraz e o Integralismo Lusitano”. *Lusiada — História. Série II* (2), pp. 253-308.
- FERREIRA, N. S. (2007b), “Alberto de Monsaraz e a vaga dos nacionalismos e dos radicalismos político-autoritários europeus do pós-I Guerra Mundial: um ramo até ao fascismo”. *Lusiada— História. Série II* (4), pp. 267-337.
- FERREIRA, N. S. (2007c), “O corporativismo e as instituições do salazarismo: a Câmara Corporativa (1933-1945)” In F. C. M. Martinho e A. Costa Pinto, *O Corporativismo em Português. Estado, Política e Sociedade no Salazarismo e no Vargasismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 163-200.
- GERTZ, R. (1987), *O Fascismo no Sul do Brasil — Germanismo, Nazismo, Integralismo*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- GUTIÉRREZ SÁNCHEZ, M. e JIMÉNEZ NÚÑEZ, F. (2004), “La recepción del Integralismo Lusitano en el mundo intelectual español”. In M. Baião, *Elites e Poder. A Crise do Sistema Liberal*, Lisboa, Colibri — CIDEHUS-EU, pp. 303-321.
- HILTON, S. (1977), *Suástica sobre o Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- HILTON, S. (1983), *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- HUNSCH, C. H. (1996 [1937]), *O Integralismo Brasileiro — História e Caráter do Movimento Fascista no Brasil*, Porto Alegre, Centro de Documentação AIB/PRP.
- KLEIN, M. (2004), *Our Brazil Will Awake! The Ação Integralista Brasileira and the Failed Quest for a Fascist Order in the 1930s*, Amsterdão, Centre for Latin American Research and Documentation.

- LARSEN, S. U. (2001), *Fascism Outside Europe. The European Impulse Against Domestic Conditions in the Difusion of Global Fascism*, Nova Iorque, Columbia University Press.
- LOFF, M. (2008), “O Nosso Século é Fascista!”. *O Mundo visto por Salazar e Franco (1936-1945)*, Porto, Campo das Letras.
- MACEDO, U. de (1983), “O Integralismo em Portugal e no Brasil”. *Convivium* 22 (5), pp. 323-340.
- MALATIAN, T. (1990), *Os Cruzados do Império*, São Paulo/Brasília, Editora Contexto/CNPq.
- MALATIAN, T. (2002), *Império e Missão — Um Novo Monarquismo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional.
- MARCHI, R. (2008), “A direita radical na Universidade de Coimbra (1945-1974)”. *Análise Social*, 43 (3), pp. 551-576.
- MARTINHO, F. C. P. e COSTA PINTO, A. (2007), *O Corporativismo em Português. Estado, Política e Sociedade no Salazarismo e no Vargasismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MARTINO FILHO, F. (1935), *Pela Revolução Integralista*, São Paulo, Editorial Paulista.
- MEDEIROS, J. (1978), “Plínio Salgado”. In *Ideologia Autoritária no Brasil (1930-1945)*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, pp. 379-599.
- MEDINA, J. (1978), *Salazar e os Fascistas. Salazarismo e Nacional-sindicalismo. A História de um Conflito, 1932-1935*, Lisboa, Bertrand.
- MEDINA, J. (1998), “Salazar na Alemanha: acerca da edição de uma antologia salazarista na Alemanha nazista”. *Análise Social*, 38 (145), pp. 147-163.
- MOURA, C. A. S. d. (2007), “Movimento integralista lusitano, Ação integralista Brasileira e catolicismo no Estado de Pernambuco”. *Cadernos de Olinda*, 1 (2), pp. 1-7.
- PAULO, H. (2000), *Aqui também é Portugal. A Colônia Portuguesa do Brasil e o Salazarismo*, Coimbra, Quarteto.
- PAYNE, S. (1986), *Historia del Fascismo Español*, Madrid, SARPE,
- PAYNE, S. (1997), Franco y José Antonio. El Extraño Caso del Fascismo Español, *Barcelona, Planeta*.
- QUINTAS, J. M. (2004), *Filhos de Ramires. As Origens do Integralismo Lusitano*, Lisboa, Editorial Nova Ática.
- REALE, M. (1935), *Perspectivas Integralistas*, São Paulo, Odeon.
- REZOLA, M. I. (2007), “A Igreja Católica portuguesa e a consolidação do salazarismo”. In F. C. M. Martinho e A. Costa Pinto, *O Corporativismo em Português. Estado, Política e Sociedade no Salazarismo e no Vargasismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 239-272.
- RIBEIRO, I. A. (2004), *O Integralismo no Sertão de São Paulo: Um “fascio de intelectuais”*, Dissertação de Mestrado em História, Franca, Universidade Estadual Paulista.
- RODRIGUES, L. N. (1996), *A Legião Portuguesa — A Milícia do Estado Novo, 1936-1994*, Lisboa, Estampa.
- SALGADO, P. (1942), *Vida de Jesus*, São Paulo, Panorama.
- SALGADO, P. (1943), *A Aliança do Sim e do Não*, Rio de Janeiro, Ocidente.
- SALGADO, P. (1945), *O Conceito Cristão de Democracia*, Coimbra, Estudo.
- SALGADO, P. (1946a), *O Rei dos Reis*, São Paulo, Presença.
- SALGADO, P. (1946b), *Primeiro Cristo!*, Porto, Figueirinhas.
- SALGADO, P. (1946c), *A Mulher do Século XX*, Porto, Tavares Martins.
- SALGADO, P. (1949), *O Ritmo da História*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SALGADO, P. (1954), *Obras Completas*, vol. 19, Editora das Américas.
- SALGADO, P. (1980), *Tempo de Exílio (correspondência familiar — I)*, São Paulo, Voz do Oeste.
- SALGADO, P. (1982), *Perfis Parlamentares — Plínio Salgado*, Brasília, Câmara dos Deputados.
- SARAIVA, A. (2004), *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*, Campinas, Editora da Unicamp.

O integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975)

- SEITENFUS, R. A. S. (1985), *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos, 1930-1942 (O Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial)*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- SILVA, G. B. (2007), “O pensamento político de Antonio Sardinha no Brasil”. In *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História: História e Multidisciplinaridade: Territórios e Deslocamentos*, São Leopoldo, Anpuh, pp. 1-8.
- SILVA, G. B. (2009), *Caminhos da Pesquisa Histórica do Integralismo: um Depoimento*, Manuscrito, 2009.
- TRINDADE, H. (1974), *Integralismo — O Fascismo Brasileiro na Década de 30*, São Paulo, Difel.
- TRINDADE, H. (2004), *O Nazi-fascismo na América Latina. Mito e Realidade*, Porto Alegre, Editora da UFRGS.